

# A DÊIXIS DISCURSIVA

Mônica Magalhães Cavalcante<sup>1</sup>

## Resumo

*Este artigo considera o problema de delimitação e de definição dos dêixicos discursivos, questionando as características descritas por pesquisas anteriores para distingui-los das formas anafóricas. Enfatizam-se três traços essenciais a essa distinção: o elo com a enunciação, a nomeação de conteúdos proposicionais e o procedimento dêitico.*

**Palavras-chave:** nomeação; enunciação; procedimento dêitico.

## Abstract

*This article takes into account the problem of delimitation and definition of the discourse deictics, considering the characteristics described in previous researches to distinguish discourse deictics from the anaphoric forms. To draw a distinction between them, three essential features are emphasized: the link with the utterance, the nomination of propositional contents and the deictic procedure.*

**Key words:** nomination; utterance; deictic procedure.

## INTRODUÇÃO

Em muitos estudos, o que se reconhece, desde Fillmore (1971)<sup>2</sup>, como dêixis discursiva tem figurado, indistintamente, entre os variados casos de anáfora<sup>3</sup>, o que vem gerando uma série de conflitos terminológicos e delimitativos. Discutem-se, aqui, em vista disso, os critérios propostos até então para a descrição dos fenômenos ge-

rais da dêixis e da anáfora, e, particularmente, para a definição dos dêiticos discursivos. A análise está amparada não somente nas pesquisas pragmático-semânticas de Fillmore (1971), Lyons (1977), Levinson (1983), como também nas reflexões na área da enunciação (aprofundadas por Benveniste, 1988 e Lahud, 1979), e nas contribuições cognitivo-discursivas e pragmático-funcionais (de Apothéloz, 1995; Apothéloz; Chanet, 1997; Ehlich, 1982; Matras, 1998; Marcuschi; Koch, 1997, dentre outros).

## UM PROBLEMA DE DELIMITAÇÃO E DEFINIÇÃO

Dois critérios são atribuídos à caracterização dos dêiticos discursivos: a referência a porções difusas do discurso e a consideração do posicionamento do falante na situação enunciativa. Atendendo a essas duas restrições, que foram delineadas pelos estudos seminais de Fillmore (1971) e Lyons (1977), e repetidas por trabalhos posteriores (cf. Levinson, 1983, Apothéloz, 1995, Marcuschi, 1995, e outros), a expressão referencial negritada em (1), por exemplo, constituiria, assim, uma ocorrência dêitico-discursiva:

(1) *“ISTO POSTO, e considerando tudo o mais que dos autos consta, decide a Quarta Junta de Conciliação e Julgamento do Recife, à unanimidade, julgar TOTALMENTE PROCEDENTE a reclamatória, condenando-se a reclamada - S.E.C.R. -, a pagar, à demandante - A.C.G.R. -, no prazo de 48 horas, após a liquidação do julgado, todos os títulos deferidos na fundamentação supra, na forma e limites ali delineados, que passa a fazer parte integrante, do presente dispositivo.” (E062 – ata de julgamento – NELFE<sup>4</sup>)*

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>2</sup> Esta obra só recentemente foi editada em Fillmore, 1997.

<sup>3</sup> O presente artigo sintetiza algumas das principais conclusões apresentadas em minha tese de Doutorado (ver Cavalcante, 2000).

<sup>4</sup> O Núcleo de Estudos Linguísticos de Fala e Escrita (NELFE), da Universidade Federal de Pernambuco, desenvolve o *Projeto Integrado Fala e Escrita*, sob a coordenação do Prof. Dr. Luiz Antônio Marcuschi. .

Veja-se que “na fundamentação supra” recupera uma série de informações dispersas em trechos anteriores ao enunciado transcrito em (1). Em (2), ao contrário, já se verifica a retomada de um referente pontualmente localizável:

(2) “*Mantém-se um núcleo comum e constante com estabilidade referencial que é ‘a lista’, mas variam os elementos que compõem a descrição à esquerda ou à direita desse núcleo.*” (artigo científico – corpus complementar).

O anafórico “desse núcleo” se diferencia do dêitico discursivo destacado no primeiro exemplo não apenas porque realiza uma referência pontualizada, senão também porque não deixa subentendida a posição do falante no “tempo de formulação” (cf. “*coding time*”, em Fillmore, 1971, como o momento preciso em que se dá o ato de fala). O elemento “supra”, em (1), localiza a informação num ponto anterior à última enunciação do falante, o que assegura à expressão o estatuto de dêitica e empresta-lhe grande poder de ordenação.

Costuma-se também tomar como critério para a delimitação dos dêiticos discursivos o processo metalingüístico em que se dá a retomada da própria forma pela qual se manifesta a fonte (antecedente). Um exemplo clássico deste caso, classificado por Lyons (1977) como “*dêixis textual pura*”, encontra-se em certo emprego de pronomes neutros, como *it*, no inglês:

(3) “(X says) *That’s a rhinoceros.*  
(and Y responds) *A what? Spell it for me.*” (LYONS, 1977: 667).

Em (3), “*it*” não recupera um conteúdo proposicional<sup>5</sup>, como o fazem geralmente os dêiticos discursivos, mas sim, a **menção** da palavra “*rhinoceros*”. As menções, conforme Levinson (1983) observa, mantêm estreita ligação com a *dêixis* discursiva. Mas as duas noções não se equivalem, evidentemente.

Outro tipo de referência reflexiva, exemplificado por (4), abaixo, parece não restringir-se, porém, à retomada da própria expressão lingüística, de vez que não deixa de envolver também o conteúdo proposicional do enunciado:

(4) “*‘O Náutico jogou melhor e mereceu a vitória. Infelizmente, não conseguimos repetir as atuações anteriores e o placar de hoje (ontem) foi justo.’ Com esta frase, o técnico Bira deixou claro que não tinha nada a contestar na derrota da Tuna Luso.*” (E175 - coluna esportiva - NELFE)

Por meio do dêitico “esta frase”, o falante rotula o segmento discursivo a que se reporta, atribuindo-lhe uma designação metalingüística, mas, ao mesmo tempo, parece resgatar a informação veiculada, por intermédio da qual dá seqüência ao argumento desenvolvido.

Não obstante a evidência dos exemplos, nem o escopo referencial difuso, nem a função de organizar a disposição dos elementos no texto, nem a retomada metalingüística, tomadas em isolamento, são suficientes para definir os dêiticos discursivos, porque conflitam sempre com a caracterização de anafóricos muito semelhantes.

O problema parece profundamente enraizado numa distinção antiga e mal resolvida entre anafóricos e dêiticos em geral. Sustenta-se, por exemplo, desde Bühler (1982<sup>6</sup>), que, diferentemente dos anafóricos, os dêiticos em geral instauram um elo com a situação enunciativa<sup>7</sup>. Mas o fato é que não somente é possível identificar anafóricos que observam as coordenadas dêiticas do falante (conforme se verá no exemplo 8), como também é freqüente encontrar a situação oposta, em que certos dêiticos discursivos negligenciam a localização do enunciador ao remeterem a entidades discursivas.

Basta refletir sobre os exemplos (3) e (4) para avaliar quão tênue é o liame que separa os dois fenômenos. A não ser pela referência difusa, peculiar aos dêiticos discursivos, o pronome *it*, em (3), na verdade, não se ajusta à definição de *dêixis*, porque não pressupõe o ponto zero do enunciador, e no entanto o exemplo tem-se propagado como representante típico da *dêixis* discursiva.

Coisa semelhante se pode declarar com relação a (4). Conquanto se alegue, com base na tradição gramatical, que o pronome demonstrativo de primeira pessoa (*este*) é utilizado em remissões prospectivas e que o de segunda (*esse*) se aplica a remissões retrospectivas, tendo em conta a última enunciação do falante, sabe-se bem que essas normas são desprezadas na prática (ver, sobre isso Bechara, 1978, e Cunha; Cintra, 1985). Assim se vê em (4), que, por anuência aos preceitos gramaticais, deveria ter utilizado o sintagma “**essa frase**”.

Nesses usos, a violação às regras normativas passa a ser uma mera conseqüência da neutralização do traço de distância do referente em relação ao falante. Numerosas ocorrências de dêiticos discursivos se enquadram neste caso, como em:

(5) “*Parabéns pela entrevista com Covas. Ele foi reeleito com o apoio do PT e PSB. E quem ganha com isso é todo o Estado.*” (cartas do leitor - corpus complementar)

<sup>5</sup> É curioso que *it*, na qualidade de pronome pessoal, cumpra função dêitico-discursiva como um legítimo pronome demonstrativo neutro. Aliás, no exemplo, a tradução de *it* para o português corresponderia exatamente a *isto/isso*. Tal constatação representa uma evidência para a afirmação de Matras (1998) de que o correlato forma-função pode variar de língua para língua. Assim sendo, o procedimento anafórico se manifesta por anafóricos em algumas línguas, ao passo que, em outras, é expresso também por dêiticos.

<sup>6</sup> A obra original foi editada em 1934

<sup>7</sup> Leia-se, sobre isso, a argumentação consistente desenvolvida por Benveniste (1988) e por Lahud (1979)..

(6) “Sou assinante de *Veja* e tive a oportunidade de comparar as reportagens publicadas por estas revistas a respeito do novo CD de Chico Buarque. Quero parabenizá-los pela capacidade em captar todo o valor que o novo CD possui. Reconhecer a genialidade de Chico é uma demonstração de inteligência e sensibilidade. **Fatores como estes** cativam leitores e conquistam novos.” (cartas do leitor - corpus complementar).

Nenhum impedimento haveria em substituir a expressão em destaque, em (5), por “com isto”, do mesmo modo que o pronome de primeira pessoa em (6) alterna com o de segunda, muito embora remeta a trechos anteriores do discurso.

O demonstrativo (não importa que seja *este* ou *esse*) simplesmente guia o destinatário numa espécie de busca retroativa da entidade referida. Se se pensar a deiticidade como um *continuum* de variados graus, dir-se-á, então, que tais empregos se colocam num ponto baixo da escala, em decorrência de prescindirem do ponto de vista do falante.

Caso fosse relevante precisar o local onde deveria ser encontrado o trecho mencionado, de acordo com os objetivos do enunciador, com certeza ele haveria recorrido ao expediente dos pronomes adverbiais indicando circunstância de lugar ou tempo, como no exemplo seguinte:

(7) “já se... constitui o ramal de esGoto porque ele /tá recebendo aLÉM... certo?... ( ) originado... do próprio vaso sanitário... ou bacia sanitária como quiser chamar... pra recebendo também a... caixa sifonada... tô recapitulando nós já sabemos/ o que é... em... uma tubulação priMÁria... que é a que recebe... os GAses proveniente/ de consumidores... ou seja **tudo isso aqui** é primário né?...” (EF-152 – aula - PORCUFORT<sup>8</sup>)

A função do adverbial, em (7), não é outra além do reforço dado à localização dêitica no texto das informações referidas. “Tudo isso aqui” é exatamente o que foi mais recentemente explanado pelo falante, o que está mais próximo do tempo de formulação. A remissão dos circunstanciais é, como se nota, mais dotada de subjetividade do que a dos demonstrativos, pela marcação da presença do falante. Por isso as expressões indiciais constituídas de pronomes circunstanciais imprimem à estrutura maior grau de deiticidade.

No que respeita aos anafóricos que se comportam como verdadeiros dêiticos no discurso, trata-se de um emprego não muito ocorrente, restrito à modalidade escrita, e viabilizado pelo contraste entre *este* e *aquele*. Consoante a gramática normativa, *este* deve referir-se a objetos discursivos

citados por último no texto, enquanto que *aquele* deve retomar o que está mais distante do *coding time*. Confira-se o exemplo:

(8) “Como o céu se enche de estrelas,  
Enche-se a terra de flores  
Talvez ainda mais belas...  
São duma só cor **aquelas**  
E **estas** de todas as cores.” (Conde de Monsaraz, Musa Alentejana, p. 49. Ver em Ferreira, 1986:151)

A oposição entre “aquelas/estas”, em (8), fornece o exato endereçamento das fontes no texto, situadas a partir do ponto de referência do falante. A função discursiva desses anafóricos é, pois, indiscutivelmente dêitica, tanto quanto a do exemplo (7) acima.

A função ou procedimento dos dêiticos discursivos e dos anafóricos no discurso é analisada por Ehlich (1982) na perspectiva da Pragmática Funcional. Segundo o autor, o falante antecipa as capacidades de compreensão do destinatário, o qual, por sua vez, reconstrói os significados, num processo interacional sempre dinâmico. Para comunicar com eficácia, afirma, “a atenção do leitor [destinatário] precisa estar de acordo com a do falante” (Ehlich, 1982:324-5).

A noção de “foco” (ou “focalização”) é, assim, introduzida na proposta do autor para designar a operação cognitiva que se baseia numa orientação prévia comum aos interlocutores. A fim de conduzir o olhar do destinatário para um determinado objeto de discurso, identificável quer no espaço dêitico real, quer no espaço metaforizado do texto, o falante faz uso do “procedimento dêitico”, que, de acordo com o autor, é realizado somente por dêiticos. Por esse veio de análise, dêiticos discursivos como os do excerto abaixo cumprem a função primordial de gerar focos de atenção:

(9) “a saudade que está de eu voltar a trabalhar como desenhista... na Light... é **isso**... porque:: foi um ambiente superagradável... não teve nada daquela ambiçã / aquela coisa de... de você querer puxar o tapete do outro pra conseguir galgar... um certo cargo... não tinha **isso**... lá... por ser estatal... não tinha **essas ambições**... então... todo mundo era um ambiente superagradável... de brincadeira... a história engraçada foi **essa**...” (F035 – narrativa espontânea - NELFE)

Os dêiticos discursivos exercem, então, um papel metacognitivo, pois criam “uma perspectiva comum e preferencial de observação discursiva” (Marcuschi, 1997:158).

Ehlich (1982) defende que o “procedimento anafórico” funciona no discurso de modo completamente oposto. É dele que o falante se vale para **não** refocalizar uma enti-

<sup>8</sup> O projeto do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) segue as mesmas condições impostas pelo NURC (Norma Urbana Culta), existente em outras capitais brasileiras. O acervo se encontra à disposição dos pesquisadores na UFC e na *homepage* do Prof. Dr. José Lemos Monteiro, que instituiu o projeto e o coordenou na época de sua criação: <http://www.geocities.com/Paris/Cathedral/1036/>.

dade já introduzida. Pela descrição do autor, somente os anafóricos instruem o destinatário a continuar mantendo “um foco previamente estabelecido sobre um item específico para o qual ele orientou sua atenção antes” (Ehlich, 1982:330). Exemplo:

(10) “Nesse mundo Belarmino lavrava o roçado onde possível: o veio d’água, o poço barrento, que os músculos rijos aprofundavam no verão maior. **Ø** Trabalhava o roçado em companhia do filho, até o dia em que a cobra, em mudança de pele, cega, muito veneno nas presas, picou **o rapaz** perto do buraco do antigo formigueiro (...) O ferro em brasa, que a própria mulher **do filho** trouxe da trempe de tijolos na cozinha. O gemido, contorções do corpo. A pele de fumo voltou a cobrir a ferida. **Ø** Morreu três horas depois. (...) No mais, a solidão da noite e dos seres. **A viúva-menina**, sem lágrimas. Duro mundo, carente de unidades.” (conto de Moreira Campos – corpus complementar)

Todos os anafóricos em negrito no exemplo (10) instruem o destinatário a não colocar em foco uma entidade já presente no universo discursivo criado pelo texto.

Os dois tipos de procedimento compõem, desse modo, um jogo de *flashes*, acionado pelo enunciador a todo instante, indicando ao interlocutor que segmentos específicos devem ser focados e quais outros devem permanecer como fundo. Como analisa Marcuschi em relação aos dêiticos discursivos (DD):

*Podemos dizer que os DD sugerem que os interlocutores constituem o texto como um espaço mental do qual os DD seriam demarcadores mostrando limites de abrangência para a observação, ou seja, uma espécie de elementos mapeadores dessa figuração. E tal como um mapa orienta, monitora o indivíduo que o usa, assim também esses elementos textuais orientam e monitoram o ouvinte ou leitor do texto.* (Marcuschi, 1997:160)

Os procedimentos dêitico e anafórico desempenham, de fato, funções inteiramente distintas no discurso, conforme propôs Ehlich (1982). No entanto, não se deve incorrer no equívoco de condicioná-los ao uso de formas dêiticas e anafóricas, respectivamente. Ou, melhor explicando: não se deve supor que compete exclusivamente aos dêiticos monitorar a atenção dos interlocutores na comunicação, pois existem anafóricos compostos de sintagmas nominais contendo dêiticos que operam de modo análogo. Exemplos comuns são os seguintes:

(11) “Curiosidades: 1. O que é de Helena? Faltou ela ou faltou dinheiro? 2. Por que 93 conseguiu ser um “*annus horribilis*” se só está na metade e, se **nesta referida metade**, tiveste o prazer e a honra de conviver com uma figura ímpar como EU?” (E055 – carta pessoal – NELFE)

(12) “Mas a réplica do defensor David Bruck foi brilhante. Primeiro, ele tratou de comprovar que Susan Smith era ainda mais desequilibrada do que se imagina. O assassinato dos filhos não seria fruto do desejo de permanecer com o namorado e sim o resultado da busca desesperada por um pai. Em defesa de sua cliente, Bruck trouxe o testemunho de um dos maiores especialistas em insanidade do país e não viu problemas em revelar que ela manteve relacionamentos amorosos com o padrasto e com o pai de um namorado. **Essa ‘falta de uma referência paterna’** seria a causa da paranóia de perder o namorado.” (E017 – artigo de revista – NELFE)

Cumpramos admitir que, em (11), o anafórico “nesta referida metade”, apesar de realizar uma retomada pontual, exerce uma função refocalizadora, pois, mediante o pronome demonstrativo, o falante atrai a atenção do leitor para o objeto citado.

Focar o anafórico lançando mão de dêiticos se torna um recurso ainda mais importante, para a relevância dos elos criados e, conseqüentemente, para a coerência do discurso, quando a referenciação requer maior capacidade inferencial. É o caso de (12), em que “essa ‘falta de uma referência paterna’” não resgata uma fonte determinada, mas se liga a certas pistas antecedentes (“busca desesperada por um pai” e “relacionamentos amorosos com o padrasto e com o pai de um namorado”), que induzem ao diagnóstico expresso pelo anafórico:

Alguns mitos da separação de dêixis e anáfora se destroem, com efeito, quando se deixa de reduzir os anafóricos ao pronome *ele* (ou zero) e às expressões definidas; bem como quando se deixa de pensar os dêiticos como elementos de remissão exclusivamente extralingüística.

As pesquisas sobre o assunto ou se limitaram a reflexões sobre dêixis e anáfora como fenômenos discursivos amplos (como as de Bühler, 1982; Benveniste, 1988; Lahud, 1979), ou, mesmo reconhecendo a dêixis discursiva, somente a opuseram ao anafórico *ele*, sujeitando-o, por vezes, à condição de correferencialidade (como nos estudos de Fillmore, 1971; Levinson, 1983; Ehlich, 1982). Não se ativeram, portanto, à consideração de outras possibilidades de anafóricos e de dêiticos discursivos, como as expressões que contêm dêiticos (cf. “expressões indiciais” em Cavalcante, 2000), presentes em (11) e (12), por exemplo. Essas formas se incluem numa espécie de zona cinzenta, de contornos mal definidos, em que comumente se confundem as duas categorias em exame.

Várias expressões indiciais compartilham das características de uma e de outra categoria. Às vezes, recuperam partes extensas do discurso, como um genuíno dêitico discursivo, mas dispensam o referencial do falante (recordem-se os exemplos 3, 5 e 6). Outras vezes, remetem às coordenadas dêiticas, mas não retomam informações difusas, como no exemplo 8 e também como na instância de uso abaixo:

(13) “Por isso, no próprio espetáculo imaginado para iniciar o Projeto, as músicas de Schubert, Saint-Saens, Ravel e Villa-Lobos serão apresentados em versões novas que, recriadas por A. M., serão executadas por instrumentos originados da tradição popular brasileira. São instrumentos como a rabeca, a viola dos cantadores e o marimbau (berimbau de lata ou de cabaça), **este último** percutido ou tocado com arco.” (E040 – projeto cultural – NELFE)

“Este último”, em (13), empreende o procedimento dêitico de trazer a atenção do leitor para o último referente citado, mas, por se ligar diretamente a uma fonte individuada (“o maimbau”), pertence ao grupo dos anafóricos.

O conflito de delimitação se exacerba ainda mais quando se avalia que ocorrências como (13) desempenham o mesmo tipo de função metatextual que Apothéloz (1995) apontou como sendo típica dos dêiticos discursivos (a que o autor denomina de “dêiticos textuais”). Define o autor:

*A expressão dêixis textual designa comumente o emprego de expressões dêiticas como acima, em seguida, no próximo capítulo, aqui etc. com o objetivo de se referir a segmentos, a lugares, ou a momentos do próprio texto dentro do qual estas expressões são utilizadas. Diferentemente da dêixis situacional, o aspecto que funciona como marca desse tipo de designação não é o lugar e o momento da enunciação, mas o lugar o momento do texto onde aparece a expressão dêitica. (...) A dêixis textual tem uma função metatextual, segundo Conte (1981). Ela permite organizar o espaço do texto e facilita, assim, a orientação do leitor ou do ouvinte dentro desse espaço.*<sup>9</sup> (Apothéloz, 1995:34-5)

Mais ordinariamente que entre os anafóricos, encontram-se, de fato, entre os dêiticos discursivos elementos que marcam com mais exatidão o lugar de certos conteúdos no espaço gráfico do texto, como ocorre com o exemplo (2), acima, e com o enunciado seguinte:

(14) “Já no caso do segundo conjunto temos significativamente mais casos na fala que na escrita e, em certos casos como o do exemplo (3) abaixo, trata-se de um processamento muito peculiar da oralidade.” (artigo científico – corpus complementar)

Nada obsta, porém, a que certos anafóricos, como os que fazem o contraste *este/aquele* (lembre-se o exemplo 8), e os que são assinalados por pronomes adverbiais, como *aqui*, *abaixo*, *adiante* etc., também localizem referentes

pontuais no texto. Sob o aspecto funcional, nenhuma diferença existe entre expressões como *o parágrafo abaixo* e *o símbolo abaixo*; *o artigo aqui desenvolvido* e *o telefone aqui* etc. A diferença é apenas de escopo referencial.

Muitas expressões indiciais oscilam, portanto, entre os traços distintivos de anáfora e dêixis discursiva, propostos pelos estudos sobre o assunto, e terminam por não se fixar nem de um lado nem de outro do quadro abaixo, conforme quer indicar a linha pontilhada:

Anafóricos	Dêiticos discursivos
Referência a entidades pontuais	Referência a conteúdos dispersos
Sem ligação com a situação enunciativa	Vínculo com a enunciação
Sem referência a formas lingüísticas	Retomada metalingüística da própria forma
Sem função organizadora no texto	Função ordenadora de segmentos discursivos
Procedimento anafórico	Procedimento dêitico

O quadro anterior concentra os traços distintivos fundamentais até então propostos para a descrição da dêixis discursiva em contraste com a anáfora, além de simbolizar a fragilidade da fronteira que os divide.

Não se deve inferir que os parâmetros já examinados são de todo irrelevantes, mas apenas que algumas expressões indiciais ora assumem o comportamento dos dêiticos discursivos, ora o dos anafóricos. Por isso, os itens seguintes buscam não somente refletir sobre quais desses critérios se mostram mais decisivos para a separação das categorias em estudo, como também sugerir outros aspectos de análise que possam somar-se a eles.

## A RELAÇÃO FORMA-FUNÇÃO-SIGNIFICADO NAS EXPRESSÕES INDICIAIS

Os dados examinados por Cavalcante (2000) revelaram um íntimo relacionamento entre forma, função e valor semântico nas expressões indiciais. Numa amostra de 2000 ocorrências, constatou-se uma predominância de itens de valor demonstrativo, tanto nos anafóricos quanto nos dêiticos discursivos, em comparação com os pronomes de natureza circunstancial.

Entretanto, verificou-se que o grupo dos circunstanciais corresponde geralmente a pronomes em função adverbial e se mostra mais freqüente entre os anafóricos, o que pode ser exemplificado pelo emprego abaixo:

(13) “Bixiga fala para Beth Carvalho: Eu acho que como uma intérprete maravilhosa, você deve

<sup>9</sup> Confira-se: “L’expression de *déixis textuelle* désigne ordinairement l’emploi d’expressions indexicales comme *plus haut*, *ci-après*, *au prochain chapitre*, *ici*, etc., dans le but de référer à des segments, à des lieux ou à des moments du texte même dans lequel ces expressions sont utilisées. A la différence de la *déixis situationnelle*, le point fonctionnant comme repère dans ce genre de désignation n’est pas le lieu et le moment de l’enonciation, mais le lieu et le moment du texte où apparaît l’expression indexicale. (...) La *déixis textuelle* a une fonction métatextuelle, selon Conte (1981). Elle permet d’organiser l’espace du texte et facilite ainsi l’orientation du lecteur ou de l’auditeur dans cet espace.” (Apothéloz, 1995:34-5)

*gostar. Mas sinto imensamente o preconceito carioca em relação ao samba paulista, que apesar de pouco conhecido aí...* (conversa on-line – corpus complementar)

Descobriu-se, por outro lado, que os elementos de valor demonstrativo se manifestam predominantemente como pronomes substantivos nos dêiticos discursivos (ver o exemplo 15 a seguir), enquanto que, nos anafóricos, realizam-se em geral como pronomes adjetivos, determinantes em sintagmas nominais, como mostra o exemplo 16.

(15) “O principal problema é a falta de vagas nas cadeias de Fortaleza. **Isso** faz com que o criminoso fique muito tempo preso na Delegacia de Capturas e Polinter (Decapol), onde há risco de fuga, pois as grades parecem que foram feitas com sabão. **Isso** quer dizer que, por mais fraco que seja o ‘cabra’, ele consegue retirar a barra de ferro e fugir na maior moleza.” (artigo de jornal popular – corpus complementar)

(16) “A cada frustrada tentativa de instalação de uma CPI, vale lembrar o que disse o senador paraense Ademir Andrade na ocasião em que o governo tudo fez e conseguiu impedir a CPI dos Bancos: ‘Quem não quer **essa** CPI deve saber o que fez’ ”. (cartas do leitor – corpus complementar)

A relação observada acima não é, de modo algum, um fato contingente: algumas restrições estruturais a justificam em parte. Se bem que não se possa ver nisso uma correspondência biunívoca, a noção de circunstância caminha lado a lado com a função adverbial, pois o léxico da língua destina pronomes especiais, como *aquí, aí, lá, ali* etc., para as idéias de tempo, modo e lugar. Do mesmo modo, acham-se codificados na língua pronomes substantivos e adjetivos apropriados aos valores de demonstração, como *este(a,s), isto, isso, aquilo* etc. Isto ajuda a explicar a razão da preferência de anafóricos circunstanciais por pronomes de função adverbial, e a de dêiticos discursivos demonstrativos por pronomes substantivos/adjetivos.

Mas, especificamente, a prevalência de dêiticos discursivos como pronomes demonstrativos **substantivos** deve ser atribuída a fatores de ordem cognitivo-discursiva. Um dêitico discursivo é o resultado de uma operação em que o falante se refere a um processo ou estado anteriormente expresso por uma ou mais proposições. Apothéloz; Chanet (1997) descrevem tal procedimento como uma estratégia de “nomação”. E observam:

*A principal particularidade das nomações reside no fato de elas darem um estatuto de referente, ou de objeto do discurso, a um conjunto de informações (informações-suporte) que antes não tinham esse estatuto discursivo. (Apothéloz; Chanet, 1997:160)*

Os dêiticos discursivos, pela estratégia de nomação, elevam, portanto, as proposições à categoria de referen-

tes, ou por meio de SNs ou por meio de pronomes substantivos. Ocorre que representar porções difusas do discurso por *isso* ou *isto* exige menor capacidade de elaboração do que fazê-lo por meio de um sintagma nominal. Repare-se no uso seguinte:

(17) “A responsabilidade é de todos. Não acho que o Congresso deva pagar o pato sozinho. A verdade é que exageram muito quando procuram colocar nas costas do Congresso a responsabilidade de tudo de ruim que acontece. Estou falando com muita tranquilidade porque sou parlamentar e, a partir do ano que vem, passarei à condição de chefe do poder Executivo no meu Estado. **Isto** precisa ser mais bem trabalhado, porque a sociedade coloca o Congresso como grande bode expiatório de tudo.” (entrevista para revista – corpus complementar)

O falante teria que despender esforço muito maior para considerar a intenção comunicativa do momento, além de ter que categorizar e escolher o rótulo que sintetizasse mais apropriadamente as informações-suporte. Julgou bem mais cômodo, por isso, “pular” essa etapa de rotulação e simplesmente representá-la pela pro-forma “isto”. Dado, pois, o alcance referencial dos dêiticos discursivos, não causa admiração que se recorra pouquíssimo aos adverbiais e que se valha regularmente de pronomes substantivos demonstrativos, mais indicados na representação de conteúdos extensos.

Nada mais adequado, então, à retomada de conteúdos proposicionais do que os pronomes demonstrativos neutros. Além disso, quando se cogita sobre a própria descrição semântica dessas formas, verifica-se que o gênero masculino/feminino dos pronomes adjetivos *este(a,s), esse(a,s), aquele(a,s)* e seu traço [+ animado] são incompatíveis com a semântica das informações difusas recuperadas. De modo que, enquanto os anafóricos podem optar entre selecionar ou não os neutros como pronomes substantivos, os dêiticos discursivos têm que escolhê-los necessariamente.

Outra restrição que intervém na eleição de uma ou outra forma é a descrição lexical dos pronomes. De um lado, os adverbiais circunstanciais se limitam à expressão de tempo, lugar e modo; de outro, os pronomes adjetivos demonstrativos, dentro do SN por eles determinado, podem transmitir variados sentidos, acrescidos até de nuances estilísticas. Assim, a pluralidade de usos a que os demonstrativos se aplicam redundam no aumento de sua frequência.

Além desses condicionamentos, é preciso ressaltar, ainda, outras particularidades semânticas do demonstrativo. Afirma Ducrot (1977) que todo pronome adjetivo demonstrativo está condicionado à função referencial do nome que ele determina. O nome, em função substantiva, delimita um universo de discurso; o demonstrativo estabelece o “universo mostrado”, o campo dentro do qual o referente se sobressai em relação a outras entidades. O papel do demonstrativo é, por definição, mostrar, tornar saliente uma entidade.

Por isso, sob o ponto de vista da cognição, segundo Apothéloz (1995), os elementos de noção demonstrativa fazem aumentar a “saliência local”<sup>10</sup> de um referente, dando-lhe a mesma evidência perceptiva de uma entidade recentemente ativada. Por outro lado, também aumentam a “saliência cognitiva” dos objetos discursivos, fazendo-os mais centrais e mais pertinentes do que os outros no universo mostrado.

Por essa capacidade operativa própria, os demonstrativos dirigem, com eficiência, os *flashes* de atenção dos interlocutores; são úteis para intensificar o poder de persuasão dos argumentos e constituem um poderoso recurso de organização textual.

Sabe-se, contudo, que os demonstrativos não são propriedade exclusiva nem dos dêiticos discursivos, nem dos anafóricos, razão por que é necessário ponderar sobre outras possibilidades de distinção.

## A CORREFERENCIALIDADE E OS DIFERENTES MODOS DE DESIGNAÇÃO

Realizando-se quer sob pronomes, quer sob sintagmas nominais, um dêitico discursivo, salvo nas repetições literais, nunca é co-significativo (isto é, seu significado não é equivalente ao de sua fonte}, mesmo porque não existe um termo particular que lhe sirva de antecedente.

Por raciocínio semelhante, pode-se afirmar que nenhum dêitico discursivo se classifica como correferencial, porque não há um objeto discursivo individuado com que ele possa identificar-se.

Essas duas características representam valiosos critérios distintivos, já que anafóricos correferenciais e anafóricos co-significativos despontam no discurso, com relativa frequência.

Mas os dois traços, sozinhos, ainda não dão conta da separação que interessa aqui, pois muitos anafóricos, à semelhança dos dêiticos discursivos, nem são correferenciais, nem são co-significativos.

Quando o significado da expressão indicial não é idêntico ao do SN-fonte, ou seja, quando não há co-significação, então algumas alternativas são possíveis:

a) a retomada do referente é realizada por um pronome anafórico, como no enunciado:

(18) “então Paracuru... TEM esse problema também... TEM o problema da poluição... de um ra/ de um:: de um LAgo que tem lá por sinal um lago muito bonito...” (EF-52 – aula – PORCUFORT)

b) o referente é retomado por um SN anafórico **recategorizador**, que adiciona ou suprime informações,

ou opera qualquer outra modulação de significado em função das intenções comunicativas do momento. Exemplo:

(19) “alguns *acredita*m que seria uma variedade lingüística *meNOR*... porque eles não teriam conseguido aprender a língua dos senhores... certo? (...) então *PRA ISSO né?*... ele ele *s/*.. houve a formação do *PIDGIN* (...) bom... como eu já *DISSE* seria fácil de ser aprendido... né? porque eles teriam umas estruturas... *MUITO* simplificadas... certo? mais simplificadas... *MAS* o *MORAles* ele já questiona um *POUco* essa... essa questão *dessa simplificação exagerada*... certo?...” (EF-138 – aula – PORCUFORT)

c) a expressão indicial remete a várias pistas do contexto, sem retomar exatamente nenhuma; o referente é construído por inferência, num apelo ao conhecimento compartilhado, e **categorizado** por um anafórico, como em (20):

(20) “ *Inf. 1* e assisti ouvi essa essa esse *CÂntico*... e é... cantado lá pelo coral que foi uma maravilha aquilo é uma antecipação do céu viu? *TÃO* bonito viu?... (...) *aPOSto* que eu eu... eu:: escuto aquilo ali... e vou escutar por exemplo um::... n::ã/ não querendo a/ a/... atacar a jovem guarda viu?... mas a música /tá uma degradação *hoRRÍvel* viu?  
*Inf.2* e o que o senhor acha *desses grupos novos* como o pagode? a lamba:::{da::?...” (D2-48 – conversa espontânea – PORCUFORT)

d) a expressão indicial, precisamente um dêitico discursivo, **resume** um conteúdo proposicional, erigindo-o ao estatuto de referente, **categorizando-o** ou como pronome, ou como sintagma nominal, conforme exemplificado, respectivamente, por (21) e (22):

(21) “alguém disse na carta enviada a Clóvis Rossi vejam bem os senhores “alguém está trapaceando com o meu direito com aquilo que me pertence além de me massacrar física e moralmente ferindo os meus direitos e minha cidadania paguei a previdência durante toda a minha vida... mais de trinta anos para ser humilhado depois de velho” ao completar oitenta anos de idade meus amigos *isso* dói” (F033 – conferência – NELFE)

(22) “Por esse tempo, a idéia da vida perene começava a atormentá-lo, e ele pensou até em fazer com que algum amigo ou amiga bebesse do elixir da longa vida para, assim, fazer-lhe companhia pela eternidade; mas resolveu deixar *essa providência* para mais tarde.” (ensaio literário – corpus complementar)

Os dêiticos discursivos – pode-se concluir – resumem conteúdos proposicionais, categorizando-os pela es-

<sup>10</sup> A saliência local se prende à estrutura seqüencial do texto. Um referente localmente saliente em geral é aquele que foi mencionado por último no texto.

estratégia de nomeação. Enquanto a recategorização lexical é um processo recorrente entre os anafóricos, nos dêiticos discursivos ela não acontece, porque não há uma expressão-fonte exata para ser transformada. Esta é uma das características mais essenciais na diferenciação dos dois fenômenos, embora, isoladamente, ainda não seja capaz de solucionar o problema.

É possível que certas expressões referenciais categorizadoras apareçam, algumas vezes, não-marcadas por dêiticos, e sim, determinadas por artigo definido. É o que observam Apothéloz; Chanet (1997), ao ponderarem sobre exemplos de nomeação como (23):

(23) “*Dixir MC Solaar: ‘C’est grâce à l’héritage jazz que l’homme-singe devient l’homme sage.’ Le précepte, qui fait communier une génération de rappers en quête de bonnes vibrations, commence à dater. (Libération)*” (Apothéloz; Chanet, 1997:164)

Aqui, a expressão referencial definida em negrito comuta perfeitamente com uma expressão demonstrativa do tipo “este preceito”, em português. Assim como seria cabível a substituição pelo definido em (24):

(24) “*O fogo destruiu duas linhas de transmissão, localizadas a seis quilômetros da sede do município de Milagres, provocando o desarme automático do sistema e a falta de luz às 16h41min. Fortaleza foi uma das regiões mais atingidas, ficando 20 minutos sem energia. (...) Essa versão foi dada pelo gerente regional da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf), Roberto Pires.*” (artigo de jornal popular - corpus complementar)

De modo análogo, mudar para “a versão”, em (24), não traria prejuízos do ponto de vista da referencialidade. Entretanto, malgrado a enorme semelhança, não se dirá que tais expressões definidas correspondam a dêiticos discursivos, porque lhes falta o traço fundamental a qualquer dêitico: o vínculo com a situação enunciativa. “O preceito” desempenha um procedimento anafórico, ao passo que “essa versão” exerce um procedimento dêitico, por ter como propósito angariar a atenção do destinatário.

## A FUNÇÃO DOS DÊITICOS DISCURSIVOS NOMINAIS NA TESSITURA DO TEXTO

Categorizações como (22) e (24) evidenciam uma estratégia muito particular dos dêiticos discursivos: a de **rotular** segmentos textuais. Francis (1994) analisa a im-

portância dos rótulos como recursos de organização das seqüências argumentativas e como eficientes elos coesivos. Os sintagmas rotuladores realizam comumente remissões retrospectivas e, sob o aspecto formal, compõem-se de um nome nuclear, semanticamente genérico, sempre precedido de um dêitico específico (*este, aquele, esse, tal* etc.), podendo ou não ter modificadores.

Cumprem os rótulos a importante função de conectar seqüências textuais porque provocam mudanças de direção na construção dos sentidos. Ou simplesmente resumindo conteúdos, a partir dos quais se toma novo encaminhamento, ou aditando alguma porção de informação nova, os dêiticos discursivos rotuladores contribuem para a acumulação de significados no discurso.

De modo amplo, existem três espécies de nomes rotuladores constituindo dêiticos discursivos (para maiores detalhes, ver Cavalcante, 2000):

**a) nomes gerais**<sup>11</sup>: têm significado tão genérico que se aplicam a uma ampla variedade de conteúdos. É o caso de *coisa, negócio, questão* etc., como em:

(25) “*Fui ao banheiro, o assento do vaso estava solto, despencando para lá e para cá. Falei com outra comissária e ela, com um sorriso charmoso, me respondeu, como se não tivesse nada a ver com o avião e eu mesmo devesse resolver o problema chamando um bombeiro hidráulico, ou qualquer coisa assim*” (crônica Ubaldo Ribeiro – corpus complementar)

**b) nomes metalingüísticos**<sup>12</sup>: rotulam, de acordo com Francis (1994), uma extensão discursiva como sendo um tipo particular de linguagem. Exemplos: *área, aspecto, frase, erro, episódio* etc., como em:

(26) “*Em relação ao custeio das Ifes, há um claro compromisso deste ministério (...) no sentido de garantir um nível de custeio e de benefícios aos servidores pelo menos igual ao do ano passado. Além disso, estarei pessoalmente empenhado em garantir recursos adicionais para investimentos e programas especiais de aperfeiçoamento do sistema de ensino superior. Essas correções são enviadas ao Congresso na proposta de redistribuição de recursos do Fundo de Estabilização Fiscal (FEF), tão logo seja aprovado o orçamento.*” (E127 – pronunciamento político – NELFE)

**c) nomes em situação intermediária**: nem são muito genéricos, nem estritamente metalingüísticos; realizam recategorizações *ad hoc*. Exemplos: *por este motivo, esta situação, dessa natureza, nessa circunstância* etc., como em:

<sup>11</sup> Os nomes gerais foram caracterizados por Halliday; Hasan (1973) como tendo comportamento muito próximo ao das pro-formas, que partilham das características da coesão lexical e da coesão gramatical.

<sup>12</sup> Francis (1994) classifica quatro tipos de nomes metalingüísticos: de atos ilocucionários, de ‘atividade lingüística’, de ‘processo mental’ e de ‘textos’.



(27) “Como já se afirmou antes, dentro de nossas possibilidades, artistas como Eveline Borges ou grupos que se preocupam com a criação e interpretação da Arte brasileira, receberão nosso apoio - nem que seja, na falta de verba, o da nossa presença e da nossa palavra. Se **esta posição** nos trazer a pecha de puristas, ou de arcaicos, nós a assumiremos, convictos que estamos de que, assim agindo, estamos fazendo o melhor pela Cultura brasileira, nordestina e pernambucana.” (E040 – projeto cultural – NELFE)

Vale notar, por fim, que os dêiticos discursivos, nominais ou pronominais, tanto podem ser retrospectivos, como os já examinados até agora, quanto prospectivos (ou seja: catafóricos), como no exemplo a seguir:

(28) “se eu vou verificar por exemplo cem milímetro/ no caso da bacia sanitária... e cinqüenta milímetro/ no caso da saída... (...) a gente vai ver **o seguinte** que... a tubulação que sai exclusivamente de um aparelho sanitário... /tá entendendo?... é chamado de... de ramal de desCARga independente do diâmetro né?...” (EF-152 – aula – PORCUFORT)

Apesar de ocorrerem catáforas entres os anafóricos, elas são mais freqüentes entre os dêiticos discursivos, o que constitui mais um aspecto interessante desta investigação. Os dêiticos discursivos catafóricos se manifestam, muitas vezes, como formulações estereotípicas, como *o X seguinte*, *o X abaixo*, *o X a seguir* etc., ou como pronomes demonstrativos de primeira pessoa: *este(a,s)*, *isto*. A relevância das formas catafóricas dêitico-discursivas consiste em seu alto poder preditivo e ordenador, uma função extremamente rara nas anáforas.

## EM SÍNTESE

Se nenhuma das características examinadas em todo o artigo é capaz de delimitar, sozinha, o grupo dos dêiticos discursivos, pode-se afirmar, no entanto, que três delas, se descritas em conjunto, conseguem cobrir todos os casos:

- a) a nomação, pela qual as informações-suporte ganham estatuto de referente e são categorizadas ou como pro-formas ou como rótulos;
- b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores;
- c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação.

Concluiu-se, ainda, que outros traços, embora comuns a certos anafóricos, também colaboram para a distinção em estudo. Dentre eles, destacamos os seguintes:

- os dêiticos discursivos não são co-significativos, nem correferenciais, já que se ligam a um SN-fonte pontual;
- podem retomar a própria forma lingüística, por meio de demonstrativos neutros;
- quando assinalados por pronomes adverbiais circunstanciais, ou quando em uso catafórico, exercem importante função organizadora dos espaços do texto.

Este quadro descritivo contribui, assim, para novas investigações, relacionadas não apenas ao fenômeno da anáfora, senão ainda também à definição da dêixis discursiva e às diversas funções cognitivo-discursivas das formas dêiticas em geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, Denis. (1995) *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. Tese (Doutorado) - Université de Neuchâtel.
- APOTHÉLOZ, D. e CHANET, C. (1997) Défini et démonstratif dans les nominalisations. In: MULDER, W. de e RYCK, L.T.; VETTERS, C. (eds.). *Relations anaphoriques et (in)cohérence*. Amsterdam, Rodopi. p. 159-86.
- BECHARA, Evanildo. (1978) *Moderna gramática portuguesa: cursos de 1. e 2. graus*. 23. ed. São Paulo, Editora Nacional.
- BENVENISTE, Émile. (1988) *Problemas de lingüística geral*. 2. ed. Campinas, Pontes. 2v.
- BÜHLER, Karl. (1982) The deictic field of language and deictic words. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York, John Wiley and Sons. p. 9-30.
- CAVALCANTE, Mônica M. (2000) *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley F. (1985) *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- EHLICH, Konrad. (1982) Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: JARVELLA, R.J. e KLEIN, W. (eds.) *Speech, place and action: studies in deixis and related topics*. New York, John Wiley and Sons. p.315-38.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. et alii. (1986) *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. aum. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FILLMORE, Charles. (1971) *Lectures on deixis*. Berkeley: University of California.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Lectures on deixis*. California, CSLI Publications.
- FRANCIS, Gill. (1994) *Advances in written analysis*. London, Ed. Routledge.
- LAHUD, Michel. (1979) *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo, Ática.
- MARCUSHCI, Luiz A. (1995) *Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos*. Maceió: Universidade Federal de Alagoas (UFAL). /Texto apresentado em mesa-redonda no II ENCONTRO NACIONAL SOBRE FALA E ESCRITA. Xerocopiado/
- \_\_\_\_\_. (1997) A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva. In: KOCH, Ingedore G.V.; BARROS, Kazuê S.M. (orgs.). *Tópicos em lingüística de texto e análise da conversação*. Natal, EDUFRN. p. 156-171.
- MATRAS, Yaron. (1998) Deixis and deictic oppositions in discourse: evidence from romani. *Journal of Pragmatics*, n. 29. p. 393-428.